



mudanças. Como resultado, elas conseguiram estudantes entediados e professores estressados. Outras passaram a ofertar ações de qualificações a seus docentes. A falta de domínio técnico não foi o único problema encontrado pelos gestores institucionais, muitas falhas do ensino presencial são repetidas no on-line. No entanto, nem tudo tem sido tropeço no meio desse caminho. Professores, sobretudo os que pesquisam as transformações da educação há mais tempo, compartilharam de diferentes formas (oficinas, cursos, minicursos e *lives*) o seu conhecimento para contribuir com seus colegas de profissão na nova missão: colocar em prática o ensino remoto. Para Pimenta (2020), o ensino chamado de remoto é realizado a distância, pela aplicação de tecnologias, de forma temporal e com ferramentas síncronas, “segue as mesmas bases da educação presencial só que a distância [...] tende a ser transmissivo: praticamente, transpõe o presencial para o remoto”.

Com a rapidez com que algumas IES transpuseram o ensino presencial para o remoto durante a pandemia, a ideia da incorporação de estratégias mais ativas se afastou do seu propósito, sem uma reflexão ou planejamento de atividades a serem desenvolvidas com o apoio de pessoal qualificado, com políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis para estudantes e profissionais da educação que estão em lugares e tempos diversos (MORAN, 2015).

Entre as dificuldades encontradas nesse caso estão a compreensão de como replanejar uma disciplina ou reconstruir as aulas numa perspectiva ativa, que combina atividades on-line, mediadas por tecnologias digitais, e off-line; individuais e em equipe. Como preconiza o ensino híbrido, estimula-se a reconfiguração da sala de aula e do papel desempenhado por docentes e discentes, “por isso a educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais” (MORAN, 2015, p. 16).

Neste trabalho, procuramos relatar um pouco sobre a nossa experiência em cursos que qualificam professores para os novos desafios do Século XXI, a preocupação dos gestores institucionais sobre a formação docente e a importância das metodologias ativas no processo de aprendizagem.



2 DESENVOLVIMENTO

Na internet, sobretudo no final do primeiro semestre de 2020, foram ofertadas as mais diferentes modalidades de capacitação para professores universitários de todo país. As *lives* – transmissões ao vivo em redes sociais – sobre todos os temas invadiram a internet, com o apoio de instituições de ensino e de pesquisa. Aqui o nosso foco está na preocupação deste docente que parece ficar ainda mais ansioso nesta corrida para encontrar uma solução para a prática da docência no ensino remoto. Por isso, abordamos algumas das preocupações que apareceram nas mensagens dessas transmissões ao vivo com especialistas em educação. Por questões éticas de pesquisa, não vamos identificar esses professores e nem as *lives* das quais participaram.

Por meio das mensagens do público é possível observar a reclamação sobre a falta de tempo para planejamento de aulas e de um espaço apropriado para a transmissão do ensino remoto, uma vez que a maioria foi obrigada a fazer da sua casa uma sala de aula improvisada e sem nenhum apoio. Muitos docentes também contam que estão exaustos com a mudança brusca na rotina e o aumento da carga horário de trabalho. Ainda assim, não deixam de buscar aperfeiçoamento e de explorar ferramentas que possam melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem.

Instituições de todo o mundo têm oferecido oficinas e cursos gratuitos para professores de todos os níveis de ensino. A preocupação com o discente tem sido tema frequente nestes cursos. Em um deles, sobre o uso de recursos tecnológicos no ensino remoto, o docente é preparado a responder o estudante que reclama do excesso de conteúdo disponibilizado na plataforma de ensino. Neste momento, o professor ainda é levado a refletir sobre o novo cenário da comunicação, destacando o crescimento das redes sociais digitais que propagam os mais diversos conteúdos numa velocidade nunca imaginada. D’Andrea (2020) aponta que no caminho da sociedade em rede destacada por Castells (1999) para a sociedade da plataforma⁴,

⁴ Os Estudos da Plataforma têm uma visão mais crítica, procurando observar de forma mais refinada a articulação entre as dimensões tecnológicas, políticas e econômicas das redes sociais (D’ANDREA, 2020), evidentemente sem esquecer de analisar as apropriações culturais de seus usuários.



houve um rompimento da tecnoutopia. Os limites entre o público e o privado são borrados. E, como também destaca d'Andrea, aumentaram as práticas tóxicas e de intolerância.

Nas redes sociais digitais, surge a cultura do cancelamento que, de modo simplificado, significa que as pessoas reagem mal a um comentário contrário ao que pensam a ponto de deixarem de seguir alguém e/ou incentivarem a crítica coletiva. Diante dessa rede de ódio, como o professor deve agir? Com base em Cabral e Albert (2017), os docentes em um curso de qualificação foram convidados a criar uma resposta para uma mensagem bastante inapropriada de um estudante. A mensagem, recortada do referido livro, mostrava a quebra de polidez na interação, tal como ocorre nas redes sociais digitais. A grande maioria dos professores não ignorou a forma descortês do discente e respondeu de modo polido, chamando a atenção que nas atividades acadêmicas é necessário utilizar a língua culta. E, de forma enfática, exigia educação e respeito. Neste exercício, o momento estressante da pandemia também foi considerado. Os docentes acreditam que é preciso flexibilizar a exigência e se envolver com o problema do outro. Sem focar na agressividade, os professores detalharam o funcionamento de sua disciplina ao suposto estudante, oferecendo apoio caso ele tivesse qualquer dificuldade.

Períodos especiais foram ofertados aos discentes com disciplinas obrigatórias e/ou optativas na educação superior pública e privada. Naquele período, o importante era manter o vínculo com os estudantes. “Ainda prefiro mil vezes a educação presencial. No entanto, as aulas remotas estão funcionando para mim. Nas aulas remotas que eu participo, os meus colegas comentam que perdem o foco”, conta a estudante 1 de um curso superior de uma instituição pública em depoimento durante o mês de agosto de 2020 para esta pesquisa. Ela sente que quando todos estão com suas câmeras ligadas a interação parece fluir melhor. “A sala parecer ficar mais ‘real’”, observa. As atividades assíncronas são bem recebidas pela discente. “Fazer atividades semanais para os temas apresentados também vejo como um ponto muito positivo, pois desse modo o conteúdo não fica perdido em meio de tanta coisa”.

A estudante 2 também declara que a concentração tem sido um problema para a maioria de seus colegas de turma. As distrações são as mais diversas, como os ruídos em casa e/ou as mensagens que chegam no celular dos próprios colegas. Nas aulas presenciais, o professor tenta controlar o uso do celular em sala de aula. Longe dos olhos do docente, o controle passa a ser exclusivamente do discente. “Estou aproveitando, mas é difícil ficar 100% na aula. Se alguém



comenta algo no grupo de WhatsApp da turma, sempre rola uma conversa”. Por isso, alguns estudantes têm preferido as aulas assíncronas, pois na plataforma virtual é possível se programar e ter um ambiente mais tranquilo.

No segundo semestre de 2020, no final de setembro, percebemos que os docentes ganharam mais desenvoltura nas *lives* e nas aulas on-line. E os estudantes do nível superior, sobretudo aqueles que precisam conciliar o trabalho remoto e a educação a distância, já começam a reclamar das atividades que precisam realizar para cada disciplina e da falta de convívio diário e presencial com colegas e professores.

Planejamento para ensino remoto: a experiência institucional na UFPR

As instituições têm colaborado com a formação continuada, ampliando o número de cursos e oficinas para colocar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em prática e, assim, sugerir atividades pedagógicas que estimulem a aprendizagem nesta modalidade e procure suprir essa falta de contato com a turma e professores. Aqui apresentamos um relato de como algumas dessas ações foram efetivadas na UFPR.

Frente aos desafios de retomada do calendário acadêmico de forma regular, às questões de acessibilidade digital e à impossibilidade de práticas laboratoriais presenciais, a UFPR adotou a estratégia de oferta de disciplinas em períodos especiais. Assim, disciplinas dos currículos de todos os cursos puderam ser ministradas no ensino remoto de forma voluntária pelos professores após a aprovação de cada Colegiado. Os estudantes, que poderiam cancelar a matrícula a qualquer momento, também conseguiram escolher se fariam ou não a matrícula.

Na universidade em questão, foram adotadas diversas ações. Aqui elencamos algumas para exemplificar como a UFPR atuou na condução do ensino remoto. Esse processo foi conduzido pela PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissional), com ações conjuntas com a PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis) para a viabilidade de acesso digital aos discentes. Dentro da PROGRAD, a CIPEAD (Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância) foi responsável pelas ações de qualificação docente, embora inúmeras oficinas e cursos continuassem a ser organizadas por iniciativa própria de professores.



O trabalho começou com a discussão de uma minuta de resolução que regulamentaria o período especial. Ao mesmo tempo, coordenações de curso realizaram levantamentos junto a professores e estudantes sobre a acessibilidade digital e a viabilidade do ensino remoto. Como a adesão ao período especial foi voluntária, os cursos conduziram essa pesquisa de forma independente em um primeiro momento. Depois, a PRAE realizou outra pesquisa com os discentes para planejar a disponibilização de computadores e internet àqueles que precisassem. Para exemplificar o trabalho das coordenações, relatamos aqui os procedimentos realizados no curso de Comunicação Institucional (CI).

A coordenação aplicou duas pesquisas sobre a acessibilidade digital em caso da implantação do ensino remoto, uma com professores e outra com discentes. Em meados de março, fez ainda uma webconferência com o corpo docente para discutir o assunto. A pesquisa com os estudantes foi disparada pelos grupos de Facebook e, posteriormente, por e-mail, obtendo o resultado disponível na Tabela 1. Os discentes com acesso limitado ou sem acesso à internet puderam participar do edital aberto pela PRAE para adquirir equipamento e pacote de dados.

TABELA1 – ACESSIBILIDADE DIGITAL

Matriculados	Respondentes	Acesso limitado	Sem acesso
140	137	4	2

Fonte: Coordenação CI (2020).

Os 12 docentes do curso de Comunicação Institucional com disciplinas no primeiro semestre de 2020 responderam à pesquisa elaborada pela coordenação. Seis deles não tinham usado ainda a plataforma Moodle, mas estavam dispostos a usar o ambiente virtual de aprendizagem da instituição (AVA UFPR Virtual) depois de treinamento adequado. Todos os professores pesquisados já utilizavam outros dispositivos de comunicação com os estudantes, como e-mail, WhatsApp, Facebook, Microsoft Teams e sites. Antes do isolamento social, 21 disciplinas estavam sendo ministradas. Destas, 14 foram ofertadas no período especial. Das 305 vagas abertas nas disciplinas, 244 foram preenchidas.

Num balanço do primeiro período especial na UFPR, ocorrido de 26 de junho a 29 de junho de 2020, a PROGRAD (2020) destacou que as vagas ocupadas em todos os cursos da instituição representaram 35% das ocupadas no primeiro semestre regular de 2020 e os



estudantes com matrículas no mesmo período representaram 71% dos discentes com matrícula no primeiro semestre de 2020. A principal dificuldade, ainda em discussão na universidade, é com relação às disciplinas práticas e laboratoriais que não têm a possibilidade de oferta de forma remota.

Outro relatório apresentado pela UFPR mostra que a procura voluntária dos docentes por ações de qualificações desde o início da pandemia foi grande. Segundo o relatório da CIPEAD, vinculada à PROGRAD, os cursos mais procurados pelos professores foram recursos tecnológicos, educação híbrida, jogos digitais, acessibilidade e cursos específicos sobre o AVA UFPR Virtual.

Algumas ações de gestão realizadas antes do isolamento social foram importantes para a implantação do ensino remoto. O relatório da CIPEAD destaca várias delas, mas aqui apresentamos as seguintes: a adoção, pela UFPR, do Office 365 e uso do Microsoft Teams para atividades acadêmico/administrativas, lançamento dos ambientes virtuais de aprendizagem UFPR Virtual (para cursos internos) e UFPR Aberta (Moocs abertos às comunidades interna e externa), Projeto CLibras (plataforma para intérpretes e inclusão de pessoas com deficiência) e assessoria docente por meio da sala de assessoria pedagógica da CIPEAD *online* e Projeto NTEs em Rede. Como em todas as ações de uma instituição de ensino, houve muitos questionamentos por parte de professores e de estudantes. As perguntas mais frequentes estavam relacionadas às possíveis consequências das tomadas de decisão da gestão, como: será que é o momento certo para mudar interfaces gráficas? Como os dados gerados em uma plataforma digital privada serão utilizados? Neste relato não vamos apresentar uma análise dessas ações, mas é importante mostrar que também houve conflito nestas interações.

Uma comissão de coordenadores, professores e estudantes, organizada pela PROGRAD, também realizou pesquisa de avaliação sobre o ensino emergencial na instituição. Dos 1.219 (48,07%) docentes respondentes, 75% ministraram aula na graduação no período especial e 42% destes também assumiram aulas na pós-graduação. Logo, as atividades (acadêmicas e administrativas) se acumularam de forma exponencial.

Nesta mesma pesquisa, discentes e docentes responderam a seguinte questão: Como você avalia sua experiência com o ensino remoto emergencial? As respostas geraram uma



imagem que destacou as palavras mais citadas, demonstrando pontos considerados positivos (em azul) e negativos (em cinza).

FIGURA 1 – PESQUISA ERE UFPR



Fonte: PROGRAD/UFPR (2020)

Durante o ensino remoto também foi lançado o Programa de Monitoria Digital, que possibilitou, por meio de edital, selecionar um monitor bolsista que já tivesse cursado a disciplina a ser ministrada. Muitos desses monitores, com fluência no uso das tecnologias adotadas no ensino remoto, auxiliariam tanto professores quanto estudantes, evidenciando um ambiente on-line colaborativo e de aprendizado mútuo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia tem afetado o cotidiano das pessoas e também da educação superior. Percebemos que muitos docentes abrem mais possibilidades de diálogo com os estudantes, que, por sua vez, se esforçam para propor soluções. Juntos, eles se reconfiguram e transformam a prática de ensino.

Práticas pedagógicas que estimulam o envolvimento do discente no processo ensino-aprendizagem e permitem que ele seja responsável pela própria aprendizagem são consideradas métodos ativos. A utilização deles depende da ação docente em ultrapassar a ideia do repasse de conteúdos. Nesse âmbito, as tecnologias digitais podem ser aliadas, tendo como potencialidade modificar o papel do professor, daquele que passa informação para o de

